

COMPRAZIMENTO

O conceito de comprazimento é central na estética de Kant, pois é o principal sentimento sobre que se funda o juízo de gosto sobre a beleza. É utilizado nas definições tanto do belo quanto do sublime, embora no primeiro caso seja não apenas mais referido, quanto receba um delineamento conceitual específico. Uma vez presente em cada um dos quatro momentos da “Analítica do belo”, sendo um dos apoios para as definições-chave dessa parte da *Crítica da faculdade do juízo*, não nos cabe neste verbete elucidar todas essas aplicações — como de interesse e de comprazimento desinteressado —, pois isso implicaria abordar outras noções deste Léxico, de modo que nos restringiremos a seus elementos propriamente definidores.

Embora Kant empregue as palavras *Wohlgefallen* [comprazimento] e *Lust* [prazer] algumas vezes em momentos distintos na primeira Analítica e assim possa nos sugerir uma diferença em seus significados, todavia em certas passagens utiliza-as alternadamente e demonstra lhes conferir o mesmo sentido, como nos três casos a seguir (entre outros). O primeiro se dá logo no início do primeiro Momento da Analítica do belo: “apreender com a faculdade cognitiva um edifício regular e conforme a fins (...) é algo totalmente diferente de ser consciente dessa representação com a sensação de comprazimento. Aqui, a representação é referida completamente ao sujeito e, na verdade, a seu sentimento de vida sob o nome do sentimento de prazer ou desprazer (...)” (KdU §1, AA V 204). O segundo refere-se à transição entre as duas Analíticas, em que se lê: “o comprazimento no sublime não contém propriamente um prazer positivo, mas sim admiração ou respeito, isto é, merece ser chamado de prazer negativo” (KdU §23, AA V 245). O terceiro ocorre no momento em que Kant especifica o que, a rigor, se deve considerar como *a priori* no juízo de gosto: “é um juízo empírico: que eu perceba e julgue um objeto com prazer. É, porém, um juízo *a priori*: que eu o considere belo, isto é, possa imputar a qualquer um aquele comprazimento” (KdU §37, AA V 289). Assim, podemos assumir que as propriedades e definições de *comprazimento* se aplicam a *prazer* e vice-versa.

Na “Primeira introdução” à CFJ, Kant diz que prazer e desprazer não podem ser explicados [*erklärt*] em sua realidade própria, mas apenas sentidos, na medida em que uma representação produz efeitos em nossas faculdades (AA XX 232). Seguindo essa perspectiva, Kant define prazer conforme a disposição do estado subjetivo em seu vínculo com uma representação no terceiro Momento da “Analítica do belo”, no contexto de sua definição da beleza como conformidade a fins sem fim: “a consciência da causalidade de uma representação no propósito

de manter o sujeito no mesmo estado em que se encontra pode aqui designar, em geral, o que se chama prazer; ao contrário, desprazer é aquela representação que contém o fundamento que determina o estado das representações em seu sentido oposto (de afastá-las ou eliminá-las)” (KdU §10; AA V 220); essa definição concorda integralmente com a apresentada na *Antropologia* (AA VII 230-1) e na “Primeira Introdução” à CFJ (AA XX 230-1). Comparado a um estado de indiferença, em que não nos importa a permanência ou não de nosso vínculo com uma representação sensível ou intelectual, o prazer qualificaria a tomada de consciência de que nosso estado subjetivo ganhou uma tendência de se conservar. O desprazer, por sua parte, é chamado de contra-final [*zweckwidrig*] por Kant, pois o vínculo com a representação é percebido como contrariando a continuidade da condição subjetiva (KdU §22; AA V 242).

Como todo sentimento, o prazer não contribui para nenhum conhecimento sobre os objetos externos, nem mesmo sobre o próprio sujeito, pois se trata tão-somente do modo como percebemos a nós mesmos em um determinado instante. Isto é especialmente significativo, uma vez que permitirá a Kant dizer que a beleza não é propriedade das coisas, e servirá de base para a qualificação do juízo de gosto como *estético*, não apenas porque necessita de uma representação sensível (*aísthesis* = percepção em grego), mas porque o sentimento é também sensação, só que não proveniente de um objeto, mas sim ocasionada no âmbito do sentido interno. As diferenças entre o agradável, o belo e o bom serão fundamentalmente determinadas por aquilo que os causa, de tal forma que o primeiro se funda diretamente em uma representação sensível, o segundo no jogo livre entre imaginação e entendimento, e o terceiro no preenchimento material de um conceito de fim, quando se trata da utilidade de um objeto, e na influência da razão na vontade, quando está em jogo o bom absoluto, moral (KDU §1 e 2; AA V 203-9).

Se o sentimento de prazer no juízo de gosto pode ter mais de uma fonte, Kant ainda afirma que o comprazimento e seu oposto podem ter como origem um outro prazer ou desprazer, de forma a gerar quatro possibilidades, como nos seguintes exemplos (que não são os empregados por Kant; para consultá-los, cf. KdU §54; AA V 330 e *Antropologia* AA VII 237). A) É possível ter prazer com um desprazer, como na circunstância em que, por ocasião de um concurso acirrado, um adversário competitivo se impossibilita de continuar devido a uma doença, e então a tristeza por este fato pode nos comprazer, pois percebemos que nosso amor ao próximo falou mais forte que nossa ambição. B) Por outro lado, pode-se ter desprazer em um prazer, quando rimos de uma anedota contada em um velório, por exemplo, no instante em que nos causa desprazer o fato de cedermos de forma inadequada à inclinação do humor. C) Como é evidente, é fácil comprazer-se com o prazer, ao celebrarmos uma conquista que já nos causa satisfação. D) Também imediatamente compreensível é sentir desprazer com um desprazer, quando sofremos intimamente com algo que, por si só, já evocou uma dor (para um comentário detalhado dessa temática, cf. Derrida 1981).

Essas quatro possibilidades demonstram que o prazer comporta diversos estratos ou momentos, não sendo simples, nem unidirecional, admitindo motivações às vezes díspares e paradoxais. Kant ainda enfatiza tal imbricação de prazer e seu contrário, dizendo que todo comprazimento não apenas se intensifica, quanto até mesmo só se faz sentir quando antecedido por seu oposto. O que normalmente ocorre, porém, é não tomarmos consciência dessas alterações,

mas se o fizermos, o comprazimento tende a aumentar, ao passo que a monotonia se define pela pouca alternância percebida entre prazer e desprazer (*Antropologia* AA VII § 237). — Essa temática é importante para o juízo estético, pois o sublime será definido como “prazer negativo”, surgindo após uma inibição e insuficiência da atividade de nossos poderes cognitivos (para maiores detalhes, cf. verbete “Sublime”).

Embora o prazer não seja uma atividade cognitiva, possui, entretanto, uma *dupla* relação com o conhecimento, exposta por Kant nas duas “Introduções” à *Crítica da faculdade do juízo*, quando da caracterização desta obra como uma passagem sistemática entre o âmbito da natureza e da liberdade. (A) Por um lado, “o alcance de todo propósito [ou intenção: *Absicht*] se liga ao sentimento de prazer” (KdU “Einleitung” VI; AA V 187). Na medida em que tal propósito não seja meramente subjetivo, determinado pelas inclinações ou apetites, mas sim *a priori*, fundado na dimensão transcendental de nossas faculdades, então o comprazimento do belo poderá ser visto como fruto do alcance de um propósito cognitivo universal, não específico, embora surja na contemplação de um objeto determinado (Guyer 1997). Aqui vale considerar a observação de Henry Allison (2001) de que essa ideia não implica dizer que todo prazer seria sempre fruto do alcance de um propósito. O exemplo que ele fornece é de alguém se encontrar e conversar com sua atriz de cinema favorita em um café. Como “nem mesmo em seus sonhos mais selvagens” essa pessoa tinha o objetivo de realizar esse encontro, o prazer adviria de uma total surpresa, constituindo até mesmo o paradigma dos prazeres mais significativos da vida. Esta nos parece uma interpretação equivocada, uma vez que a *Absicht* (intenção ou propósito) contida na formulação kantiana não se restringe ao plano consciente, ao que se institui como meta deliberada. Trata-se, na verdade, segundo pensamos, de desejos, inclinações, fins, intenções e propósitos das mais variadas espécies, aos quais não necessariamente fornecemos uma formulação linguística adequada, nem criamos qualquer expectativa consciente. Essa leitura nos parece confirmada por outra definição de prazer, agora na *Crítica da razão prática*, em que tal conceito se liga diretamente ao desejo: “*a faculdade de desejar é a de ser, por meio de suas representações, a causa da realidade efetiva dos objetos dessas representações. Prazer é a representação da concordância do objeto ou da ação com as condições subjetivas da vida, isto é, com a faculdade da causalidade de uma representação em vista da realidade efetiva de seu objeto (...)*” (KdPv “Vorrede” AA V 9, nota – grifos no original). Voltando ao exemplo de Allison, podemos dizer que, mesmo que uma pessoa não tenha o objetivo, a intenção ou propósito de se encontrar com sua atriz de cinema favorita, possui obviamente o desejo de que isso ocorra, de tal modo que a única diferença consiste na consciência da probabilidade ou viabilidade do fato, ou seja, de realizar concretamente seu desejo. — (B) Por outro lado, para haver comprazimento, é indispensável alguma contingência no alcance daquele propósito na relação entre sujeito e objeto, o que explica por que o uso das categorias do entendimento em qualquer experiência *não* é prazeroso, uma vez que tal faculdade opera de forma necessária, *a priori*, inevitável (KdU “Einleitung” VI; AA V 187). Que a natureza em seu conjunto, porém, seja assimilável segundo leis empíricas que progridem indefinidamente ao âmbito macro, planetário e do universo, bem como ao nível micro, das células, das moléculas, dos átomos e de suas partículas; que ela seja ordenada de forma a não haver saltos entre suas especificações mais determinadas e seus âmbitos genéricos mais amplos — isso, até onde podemos apreender pela razão, é contingente, e desse modo é objeto

de um prazer que, embora não nos seja perceptível, deve tê-lo sido outrora, quando o progresso cognitivo humano ainda estava em seus primórdios (KdU “Einleitung” VI).

RESUMO: Apresentação dos elementos definidores do conceito de comprazimento, tomado como teoricamente intercambiável com o de prazer. Partindo das noções de fim e conformidade a fim, o prazer/comprazimento será definido pela consciência de o estado da mente se manter. Em seguida pontamos diversas características, materiais e transcendentais desses conceitos, mostrando as relações antropológica- e esteticamente relevantes deles com seu oposto, o desprazer. Por fim, indicamos seu vínculo com a dimensão cognitiva, importante no contexto da estética kantiana.

PALAVRAS-CHAVE: Comprazimento; Prazer; Desprazer.

ABSTRACT: Presentation of the defining elements of the concept of liking, taken as theoretically interchangeable with that of pleasure. Starting from the notions of purpose and purposiveness, pleasure/linking will be defined by the awareness of the state of mind to persist. Next we point out some material and transcendental characteristics of these concepts, showing the anthropologically and aesthetically relevant relations of them with their opposite, displeasure. Finally, we indicate their link with the cognitive dimension, important in the context of Kantian aesthetics.

KEYWORDS: Liking; Pleasure; Displeasure.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

ALLISON, Henry E. *Kant's Theory of Taste. A Reading of the Critique of Aesthetic Judgment*. Cambridge: Cambridge University Press: 2001

BARTUSCHAT, W. *Zum systematischen Ort der Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1972.

BIEMEL, Walter. *Die Bedeutung von Kants Begründung der Aesthetik für die Philosophie der Kunst*. Köln: Kölner Universitätsverlag, 1959.

CHÉDIN, Olivier. *Sur l'esthétique de Kant et la théorie critique de la représentation*. Paris: J. Vrin, 1982.

CRAWFORD, Donald. *Kant's Aesthetic Theory*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1974.

DERRIDA, Jacques. “Economimesis”. Tradução de R. Klein. *Diacritics*, Vol.11, no. 2, 1981, pp.3-25.

FRICKE, Christel. *Kants Theorie des reinen Geschmacksurteils*. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 1990.

GUYER, P. D. *Kant and the Claims of Taste*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KULENKAMPFF, J. *Kants Logik des ästhetischen Urteils*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978.

LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MAKKREEL, Rudolf A. *Imagination and Interpretation in Kant, The Hermeneutical Import of the Critique of Judgment*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990.

MENZER, Paul. *Kants Ästhetik in ihrer Entwicklung*. Berlin: Akademie Verlag, 1952.

NOTAS / NOTES

¹ Possui graduação (1994), mestrado (1996) e doutorado (2001) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais; fez estágio de Pós-doutorado na University of Windsor, Canadá (2011). Atualmente é Professor Titular da UFMG e pesquisador do CNPq. É autor do livro “Adorno e a arte contemporânea”, além de organizador de outras obras sobre estética. Traduziu textos de autores alemães e de língua inglesa. O trabalho de tradução mais relevante é a coletânea “Escritos de psicologia social e psicanálise”, com textos de Theodor Adorno. Trabalha principalmente os temas: estética, psicanálise e cultura de massa, abordando as obras de Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Theodor Adorno.

He holds a degree (1994), a master's degree (1996) and a doctorate (2001) in Philosophy from the Federal University of Minas Gerais; has a postdoctoral degree from the University of Windsor, Canada (2011). He is currently Professor of UFMG and researcher at CNPq. He is author of the book “Adorno and the contemporary art”, besides organizer of other works on aesthetics. Translated texts by German and English-speaking authors. The most relevant translation work is the collection “Writings of social psychology and psychoanalysis”, with texts by Theodor Adorno. He works mainly on themes: aesthetics, psychoanalysis and mass culture, addressing the works of Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud and Theodor Adorno.

Recebido / Received: 1º.9.2018.

Aprovado / Approved: 4.10.2018.

